Ano XVII — Lisboa, Junho de 1961 — N.º 194

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 2$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

QUESTÃO DE SENTIDO

SENTADO no banco dos réus no pretório da velha Jerusalém e esmagado pelo dedo acusador de muitos que sofreram ou sentiram cruéis torturas, encontra-se um homem tido como responsável pela destruição fria e sistemática de milhões de preciosas vidas humanas: inocentes criancinhas, respeitáveis anciãos, homens e mulheres de prometedora juventude. Porque muito odiou, pôde insensìvelmente cometer crimes de tal maneira perversos e hediondos que a mente humana se recusa a admiti-los apesar da triste evidência dos factos. Foi a suprema transcendência do ódio. A prova máxima da capacidade do homem para o mal numa dimensão que se nos afigura infinita. Ignoramos a que paroxismos de maldade seria ainda levado o nazismo se as forças repressivas não tivessem interrompido tão infernal sangueira.

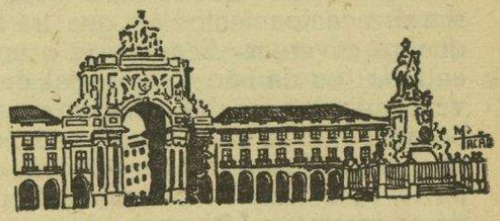
Há dois mil anos atrás, nessa mesma histórica cidade, outro homem — o Divino Homem — porque muito amou foi também julgado e ofereceu a sua vida em resgate de muitos. Os que julgam aquele que neste momento representa a maldade na sua forma mais abjecta, julgaram também o Meigo Rabi, o expoente máximo do Amor, Aquele que veio buscar e salvar o que se havia perdido.

Dois polos completamente opostos, marcando dois sentidos da vida. Jesus Cristo, o padrão máximo do Ideal, aquele que se dá voluntàriamente em resgate dos pecadores. Por isso pôde lançar o grande apelo: *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei a vós.* Eis o ideal de vida capaz de nos conduzir por caminhos de beleza a alturas aparentemente inacessíveis.

O outro é a inversão do ideal, a paixão. O homem apaixonado é o fanático. Todos os caminhos lhe servem para alcançar os seus objectivos. Abdica do raciocínio, da consciência e da sensibilidade. Ao contrário do ideal, que é inteligente, esclarecido e dinâmico, a paixão é cega. Leva o homem de queda em queda aos abismos insondáveis do pecado. Ideal e Paixão partem às vezes do mesmo plano. Um caminha para o alto pelas veredas iluminadas do Bem. O outro desce pelas vielas sombrias e irregulares do Mal. Até o Cristianismo, que inspirou as mais nobres virtudes e produziu idealistas da estatura de S. Francisco de Assis e de Alberto Schweitzer, serviu também de ponto de partida para os muitos crimes da Inquisição. A diferença está em que uns caminharam para mais alto, fizeram a jornada pelo ideal de amor; os outros desceram fanàticamente pelas sendas do ódio. O julgamento de Jerusalém é um sério aviso para todos nós. Mais do que um simples nazi está ali a ser julgado o próprio homem, que continua a ignorar o ideal de amor que Jesus Cristo veio proclamar ao mundo. É, de facto, uma vergonha para a humanidade que, no auge da civilização e no seio da orgulhosa Europa, tivessem sido possíveis semelhantes crimes praticados por filhos de um povo que se encontrava na vanguarda da cultura e do progresso. É muito fácil estender o dedo para acusar, mas quantos não terão alimentado paixões análogas e consentido, pela sua indiferença e apatia, a eclosão de sentimentos de intolerância, de mesquinho ódio, que só não produziram frutos parecidos porque não tiveram ambiente favorável à sua expansão?

Vivemos numa época de crise de ideais, mas no entanto abundam as paixões. Os povos agitam-se animados pela ânsia de atingir determinados objectivos para os quais avançam passando por cima de tudo

(Conclui na página 2)



O ESCOTISMO NA CAPITAL

DIRECÇÃO REGIONAL

Por dificuldades imperiosas da sua vida profissional, o sr. prof. Pedro Painho foi forçado a abandonar o cargo que vinha desempenhando nos Serviços de Informação e Cultura da Região Centro.

É uma baixa verdadeiramente de lamentar, porquanto o prof. Painho era um elemento de quem o Escotismo poderia esperar muito, dada a sua capacidade e entusiasmo.

Para preencher o lugar deixado vago, apressou-se o Sr. Presidente Regional a convidar o antigo escoteiro e nosso amigo sr. Eugénio Ribeiro Nunes, que foi chefe do grupo 99 e director da Fraternal.

No intuito de reforçar aqueles Serviços, com vista a uma actividade cultural mais vasta junto dos escoteiros, foi igualmente convidado pelo sr. Presidente Regional o sr. Alfredo Jorge Gallis, antigo escoteiro do Grupo n.º 1 e membro do Conselho Fiscal da Fraternal.

GRUPO N.º 94

No dia 8 de Maio passado, realizou-se na sede deste Grupo uma reunião geral, durante a qual foram entregues os prémios do Concurso «Mais um companheiro», que foram ganhos pelos Escoteiros Augusto de Castro, Luís Gomes, António Mogues Ribeiro e Rui Horácio Macedo.

Depois de uma sentida alocução, o Chefe Armando Inácio tomou o Compromisso de Honra de dois novos escoteiros, Hélder Pinto Martins e José Luís Simões Ferreira, que ingressaram nas patrulhas Javali e Lobo.

No final foram projectados filmes pelo Sr. Manuel A. Palma, tendo sido visto mais uma vez o filme do 10.º aniversário do grupo.

No dia 12, os Escoteiros ofereceram um chá aos recentes noivos Chefe José Eduardo Pena Ribeiro e Sr.ª D. Mariana Estenaga Saragoça Ribeiro, a quem quiseram manifestar a muita estima que lhes dedicam.

O ANIVERSÁRIO DO GRUPO N.º 8

Esta unidade, com sede na Rua Febo Moniz, comemorou em Maio passado o 6.º aniversário da sua fundação. Na Igreja Presbiteriana Lisbonense, a que é anexo, realizou-se um culto de acção de graças, presidido pelo Rev. Carlos Augusto de Vascon-

(Conclui na página 2)

A opinião dos nossos leitores

Adopte-se pois a calça comprida e estou convencido que o movimento escotista passará a contar com número muito maior de praticantes

—diz o Antigo Escoteiro José da Costa Sequeira

Sou assinante do «Sempre Pronto» desde os primeiros números da sua existência e fui escoteiro durante vários anos no Grupo 53.

(...) Como «Escoteiro uma vez, Escoteiro toda a vida», ainda hoje me encontro ligado ao Movimento pelos laços do coração. (...) Ora no último número do «Sempre Pronto» foi abordado uma vez mais o problema do calção e pediam a opinião dos leitores. Como leitor e antigo escoteiro aqui vai a minha opinião sobre o assunto. Por princípio teremos de ter em conta que o que faz um adolescente entrar para a grande família de escoteiros não são os ensinamentos que aí irá colher com o tempo (e que só mais tarde se irão reflectir no seu carácter), mas sim os acampamentos em que irá tomar parte e sobretudo o uniforme que irá envergar. Sendo pois o uniforme um dos principais motivos da entrada (ou da não desistência) de um novo escoteiro, acho que se deveria adoptar a calça comprida para ser usada na cidade (caso de paradas, passeios, trabalhos na sede, etc.) e o tradicional calção nos acampamentos. Assim já não se daria o caso de certos escoteiros (a maior parte) abandonarem o movimento porque as namoradas os ridicularizam de andarem em Lisboa de pernas ao léu. Há até um outro pormenor curioso como estatística. Salvo raras excepções, os escoteiros que atingem os 18 anos de idade no movimento, já o eram há vários anos, pois é raro entrarem com essa idade, assim como raras vezes continuam no movimento depois de se casarem. E tudo isto quanto a mim, é devido ao uniforme não englobar a calça. Adopte-se pois a calça comprida e estou convencido que o movimento escotista passará a contar com um número muito maior de praticantes nas suas fileiras.

Peço desculpa desta minha opinião sincera, pois sei de antemão que encontrará muitos que se lhe oponham, e que apresentarão talvez razões de peso. No entanto, é de ter em conta que com calção o Movimento pouco tem evoluído nos últimos 20 anos e que não há nada melhor para curar uma doença do que experimentar alguns remédios, mesmo que à primeira vista pareçam absurdos.

Atenciosamente
JOSÉ DA COSTA SEQUEIRA

Eis a opinião do nosso estimado assinante sobre o problema do calção. Não a discutiremos. Deixamos esse encargo aos leitores. Continuamos a perguntar a opinião do leitor: Devem os Escoteiros usar calção ou calça?

QUESTÃO DE SENTIDO

(Conclusão da página 1)

quanto é digno e honesto. Todos os meios servem para alcançar os fins. Armam-se mãos assassinas, espalha-se o terror, sacrificam-se inocentes, segue-se deliberadamente pelo abismo do mal. Vivemos em permanente risco de que um obstinado ponha em movimento a diabólica engrenagem da guerra, provocando um cataclismo em escala inconcebível, na estulta pretensão de satisfazer a todo o custo suas ambições.

Tal situação exige que cada um de nós examine o sentido de sua vida. Talvez tenhamos valorizado demasiadamente a posição em que nos encontramos, os princípios que aceitamos, os nossos próprios conceitos. Tudo isso será importante, mas nada significará se não estivermos olhando para mais alto e avançando perseverantemente pelo ideal supremo do amor. Se não for este o sentido da nossa vida, seremos também responsáveis pelo clima de paixão em que o mundo vive.

O Apóstolo S. Paulo, campeão do Cristianismo, afirmava: *Não julgo que tenha alcançado a perfeição, mas uma coisa faço, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, avanço para as que estão diante de mim e prossigo para o alvo pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.* O apóstolo fora buscar esta imagem às olimpíadas da antiga Grécia. Precisamos de encontrar para a nossa vida este sentido desportivo. O Escotismo tem essa mesma finalidade. Oferece à juventude horizontes vastos, aponta-lhe objectivos válidos para arquitectar com sabedoria vidas úteis.

A prova da eficiência do Escotismo está no facto do Movimento ter sido banido exactamente naqueles países que têm cultivado as paixões. Na Alemanha de Eichmann não houve lugar para o Escotismo. A paixão não suporta o ideal, mas é o ideal que sempre acaba por vencer, porque absorve o homem e o impulsiona sempre para mais alto. E este é o bom e o útil sentido.

O ESCOTISMO NA CAPITAL

(Conclusão da página 1)

celos. Foi convidado para proferir a mensagem o Rev. João Soares de Carvalho, que falou acerca de "Palavras de vida eterna„.

Seguiu-se um almoço de confraternização presidido pelo sr. Professor Aníbal Gonçalves Ramos, presidente da direcção regional, e tomaram parte no repasto os srs. Rev. Carlos A. Vasconcelos, presidente do grupo, e sua Esposa; Quintino Pinheiro, da direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros; chefe do grupo 10 e esposa; António Gonçalves e esposa, bem como o Director do «Sempre Pronto», e sua esposa. Além do efectivo do grupo e seus chefes, registava-se ainda uma nota simpática: O Grupo convidara um simpático grupo de velhinhas para se associarem à refeição.

Aos brindes discursaram os guias Jorge Augusto Gaspar, Vítor Manuel Brás e Joel Pereirinha Pinto, que agradeceram a presença dos seus convidados. O Director do nosso jornal fez o elogio da obra realizada nestes seis anos pelo Grupo 8 e teve palavras de louvor para o seu chefe, Sr. Idílio Gonçalves, que com notável dedicação e tenacidade tem conduzido o grupo por caminhos florescentes.

O Sr. Presidente Regional manifestou também a sua satisfação pelo ambiente que viera encontrar no grupo e referiu-se aos princípios que devem orientar a vida escotista, que tão bem exemplificados encontrara no grupo aniversariante.

O Sr. António Gonçalves e seu filho, o Chefe Idílio Gonçalves, tiveram palavras de agradecimento, e este recordou o Escoteiro do Grupo, Fernando Jorge de Azevedo Gomes, que se encontra em Angola a cumprir os seus deveres para com a Pátria.

À tarde, realizou-se uma festa entre escoteiros dos grupos 8 e 10. Destacou-se a patrulha Leão do 8, que apresentou um programa de canções muito animado.

* * *

No dia 23, o Grupo ofereceu um chá às famílias dos seus escoteiros, no qual participaram os escoteiros do grupo, chefe e escoteiros do 10, chefe do Grupo 94 e um escoteiro do mesmo, o Chefe Regional Adjunto, sr. Pena Ribeiro, e sua esposa; e o Director do «Sempre Pronto» e sua esposa.

Foram entregues nesse dia 6 insígnias de 2.ª classe e 2 de 1.ª classe, o que bem demonstra a actividade e progresso desta unidade. Foram também entregues os prémios do concurso últimamente realizado, a que nos referimos abaixo.

Em nome da Região Centro, o Chefe Regional Adjunto apresentou saudações ao Grupo e o nosso Director teve palavras de estímulo para os rapazes.

CONCURSO «MAIS E MELHOR»

Terminou este Concurso disputado com muito entusiasmo pelas patrulhas e escoteiros deste Grupo, sendo as seguintes as classificações finais:

1.ª — Patrulha Leão — 2 445 pontos
2.ª — » Falcão — 2 174 »

INDIVIDUAL

1.º — Vítor Brás (Falcão) 1115 pontos
2.º — Jorge Gaspar (Leão) 893 »
3.º — Joel Pinto (Leão) 771 »

CORRESPONDENTE

Deixou o cargo de correspondente do "Sempre Pronto„ neste grupo o Caminheiro João Manuel da Costa Gil, a quem agradecemos a colaboração que nos prestou.

Para o substituir, foi nomeado o Guia Vítor Manuel de Almeida Brás, a quem apresentamos as boas vindas e antecipadamente agradecemos a cooperação que nos vai dispensar.

UM POUCO DE HISTÓRIA

III

LISBOA

O PAÇO DA ALCÁÇOVA

Estamos ainda dentro do Castelo cuja fortaleza vamos abandonar transpondo a ponte de pedra que, sobre o fosso, dá acesso ao exterior. Caminhemos em direcção à Praça de Armas, vasta parada da qual se disfruta magnífico panorama da parte baixa da cidade desenrolando-se a nossos pés qual matizado tapete e, lá ao longe, separado pelo amplo cenário do Tejo, o dorso cinzento azulado da Serra da Arrábida recortando-se no vasto horizonte de luz. Antes, porém, de chegarmos, à Praça de Armas, notemos, à nossa direita, uma porta ogival servindo um átrio decorado de arcarias também ogivais e onde, em hora de feliz inspiração, a vereação de Lisboa mandou instalar há poucos anos uma bem dotada biblioteca municipal e um posto de turismo. Neste átrio encontra-se em exposição a Maqueta de Lisboa antes do terramoto de 1755, obra de paciente reconstituição histórica da cidade desde a Ribeira de Alcântara até Santa Apolónia, feita sob a competente direcção do distinto olissipógrafo Matos de Sequeira e realizada nos estúdios do grande artista modelador Ticiano Violante.

Merece este átrio especial referência pois é tudo quanto hoje resta do antigo Paço da Alcáçova, que foi residência permanente dos Reis de Portugal, desde D. Dinis a D. Sebastião, e que o Terramoto Grande de 1755 arruinou. Paredes meias com o Castelo elevava-se, dominando a cidade, o Palácio do Alcaide Mouro de Lisboa. Embora ali tenha residido D. Afonso III, atribui-se ao Rei D. Dinis a transformação do Palácio Mourisco em residência régia, que passou desde então a ser designada por Palácio Real da Alcáçova.

Neste Paço faleceu em 1433 D. João I e naquele mesmo ano foi aclamado Rei seu filho D. Duarte. Em 1455, a 3 de Maio, nasce na Alcáçova o que viria a ser o grande Rei D. João II. Com o fausto e grandeza da corte de D. Manuel I, conheceu o Paço da Alcáçova horas de grande esplendor. Ao regressar Vasco da Gama a Lisboa, depois da descoberta do caminho marítimo para a Índia, foi D. Manuel esperá-lo à Praia com grande comitiva. Após os cumprimentos, montaram ambos e cavalgando Vasco da Gama à direita de El-Rei, este levou-o por entre alas de muito povo ao Paço da Alcáçova e ali o apresentou à Rainha. Em 6 de Junho de 1502 nasce neste mesmo Paço o Príncipe que viria a ser D. João III. Dois dias passados sobre o nascimento do Príncipe, estava-se pois a 8 de Junho de 1502, Gil Vicente, vestido de vaqueiro com um grupo de companheiros do mesmo modo trajados, representa na câmara da Rainha e na presença do Rei e da Corte. Tamanho foi o agrado dos Reis que outras representações se seguiram e a data de 8 de Junho de 1502 marca o início do Teatro em Portugal de que foi criador Gil Vicente, obtendo a protecção real para o seu talento. Também neste Paço teve residência o insigne cronista Damião de Góis na sua qualidade de Guarda-Mor da Torre do Tombo.

Com a construção do Paço da Ribeira, que D. Manuel I mandou edificar no Terreiro do Paço e para onde transferiu a sua corte, cai em declínio o Paço da Alcáçova onde, no entanto, ainda veio a residir o Rei D. Sebastião, que ali ordenou grandes transformações.

Muitas outras notáveis figuras da nossa história passaram por este Paço, muitos foram os acontecimentos de relevo que ali se desenrolaram, todavia apontámos alguns dos principais que darão aos nossos irmãos-escoteiros uma ideia da importância que o Paço Real da Alcáçova teve na História da Cidade.

Terminemos a nossa digressão de hoje na Praça de Armas, ornada de antigos canhões evocando passadas glórias e onde uma estátua de D. Afonso Henriques evoca o Rei Conquistador. Foi esta Praça de Armas testemunha da primeira tentativa aeronáutica levada a efeito em 1709 pelo Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, que dali se elevou no seu invento chamado Passarola, vindo a cair no Terreiro do Paço.

LUÍS SIMÕES AURÉLIO

* ● *

Muito lamentável

A Direcção Regional do Centro promoveu há dias uma interessante palestra acerca de assunto de muito interesse para a educação. O conferente era um médico muito ilustre, professor, cuja lição não poderia deixar de ser muito importante, não só para os rapazes, mas sobretudo para os seus chefes, que devem estar habilitados — mas na generalidade não estão — a aconselhar os jovens nas dificuldades próprias da sua idade.

Poderiam os escoteiros não comparecer por não atingirem de momento a importância da reunião. Os Chefes, porém, não faltariam se estivessem compenetrados da alta responsabilidade da missão de que foram investidos. Naturalmente, alguns, por motivos imperiosos, não puderam comparecer. Mas só estiveram dois Chefes de Grupo. Apenas dois. Não é, de facto, muito lamentável?

Acerca dos Adueiros

Escreve-nos o nosso dedicado amigo e colaborador Prof. Dória referindo-se ao último número de «Sempre Pronto» felicitando o nosso Redactor Principal pelo editorial «Hora de Luta» e aproveita a oportunidade para acrescentar:

Ainda a propósito deste último número, acho dever fazer uma leve correcção ao que, na parte final, diz o Sr. Com.te Melo Machado na entrevista que deu ao Jornal. Diz ele que o movimento dos Adueiros não era norteado pelos mesmos elevados ideais que os da A. E. P. Ora eu sou dos primeiros inscritos nesse movimento, quando no Porto não havia escoteiros. Lá estive 7 anos antes de passar para a A.E.P., movimento por que sempre tive grande admiração. O movimento da UAP, posso afirmá-lo, sempre se baseou nos ensinamentos de B.-P. Simplesmente o fundador, cap. Barros Basto, quis nacionalizá-lo, por discordar do «selvagismo» que, dizia, inquinou o *Scouting* desde o princípio. Por isso é que baniu o nome dos animais como *totems* das patrulhas, substituindo-os pelos de plantas, quis recuar até aos Lusitanos como símbolo de liberdade e da independência, bem como das virtudes guerreiras e fortaleza de ânimo, etc., etc. Quanto a mim o Aduarismo padeceu de um vício original e que foi a causa da minha retirada do movimento: a sua excessiva militarização. Abusava-se extraordinàriamente de marchas e contra-marchas, desfiles com clarins e tambores, e muitas coisas semelhantes, que me davam a impressão, apesar de muito jovem, de andar a brincar aos soldados. Como vê (e isto pode verificar-se nas numerosas publicações da UAP) isto não é exactamente o que o Sr. Com.te M. Machado afirmou e me parece injusto. Note que apesar de ter pertencido à UAP eu nunca morri de amores pelo movimento, tendo-o abandonado por incompatibilidade com o próprio fundador, a despeito das numerosas e insistentes pressões que sobre mim se fizeram para não deixar o movimento. Mas tenho, acerca da Justiça, um conceito que me obriga a prestá-la até àqueles com quem estou incompatibilizado.

(...)

ANTÓNIO A. DÓRIA



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

Estamos em pleno verão. Na bela época dos acampamentos. Só aqueles que nunca passaram uma noite no campo ignoram as delícias da vida ao ar livre. Aproveita, meu caro, esta oportunidade magnífica para gozar o lindo Sol de Portugal. Mas, toma boa nota disto: Um acampamento de escoteiros é uma actividade de ordem, disciplina e trabalho. Quando falo de ordem, refiro-me também ao asseio de campo. A higiene do acampamento é indispensável para que se possa disfrutar os benefícios que a natureza nos oferece. Acampamento rodeado de detritos, de papéis sujos, de águas impuras não traz quaisquer vantagens para a saúde daqueles que nele participam. As fossas, o hipopótamo *(se não souberes o que é, pergunta ao teu Chefe), as cozinhas, tudo tem de ser montado devidamente. Montado e, no fim, desmanchado e limpo. Diz B.-P.:* Não vos esqueçais de que o estado em que fica o terreno, após um acampamento, indica com exactidão o valor da Patrulha ou Grupo que dele se serviu. Os Escoteiros que se prezam, deixam sempre bem limpo o local onde acamparam. Varrem e enterram ou queimam todos os detritos. Os lavradores não se vêem obrigados a limpar o seu terreno após a vossa partida, e de bom grado vo-lo cederão outra vez.

Deixar o terreno do acampamento sujo e desalinhado é uma grande vergonha para qualquer Grupo ou Patrulha ou campista isolado. Lembrai-vos de que as duas únicas coisas que deixais atrás de vós ao levantar o campo, são:

1 — Nada.

2 — Agradecimentos ao proprietário do terreno.

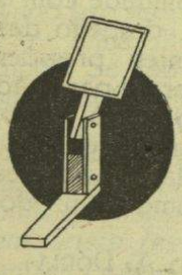
Assim falou B.-P. Ele tinha razão e tu serás certamente o mais fiel cumpridor dos seus conselhos. Até breve.

Teu dedicado amigo
LOBO VELHO

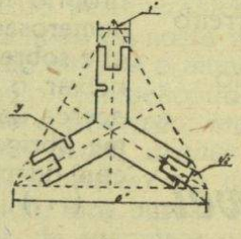
TRANSMISSÕES

Um heliógrafo construído pela Patrulha

Um **heliógrafo** é um aparelho que serve para transmitir sinais ópticos por meio da reflexão dos raios solares. Trata-se de um aparelho muito preciso e estável que permite fazer transmissões de morse a uma dezena de quilómetros.



A montagem dos braços dos espelhos



15 cm
1'=2,5 cm 1/2'=1,25 cm



O aparelho pronto

A tua Patrulha, meu caro Escoteiro, pode construir um heliógrafo simples, perfeito e prático, capaz de trazer um grande novidade às nossas transmissões escoteiras, com uma despesa mínima.

Para isso são necessários apenas os seguintes materiais:

Uma peça de madeira forte (se possível 7 folhas grudadas) de cerca de 15 cm2.

3 peças de madeira de 100 × 1,25 × 1,25 cm.

1 sarrafo de 60 × 0,3 × 1,25 cm.

1 » » 30 × 1,25 × 0,6 cm.

2 espelhos de 6,25 × 5 cm. aprox.

4 terminais de T. S. F.

3 parafusos de 1 1/2' com porca de orelhas.

2 barrinhas de latão de largura igual à dos espelhos com a espessura de 1,25 cm.

Alguns parafusos pequenos.

COMO CONSTRUIR

Fazer na tábua os cortes indicados no diagrama.

Colocar as 3 peças de 1 m nos respectivos dentéis, deixando-as com uma saliência de 0,6 cm. na parte superior. Isto torna-se necessário para evitar que as pernas se afastem demasiadamente quando o tripé estiver em uso.

As pernas são ligadas aos braços por meio de parafusos de aresta quadrada com porca, devendo esta ficar bem apertada.

A construção dos dois braços dos espelhos é idêntica. Entre duas tabuinhas de 5 × 0,3 cm. coloca-se uma tira de 7,5 × 1,25 cm. como se vê na gravura. O sarrafo de 1,25 cm. que serve de suporte do espelho deve poder girar no parafuso terminal. Uma pequena peça do sarrafo de 1,25 cm. deve ser colocada na base do braço para permitir que seja aparafusada à barrinha horizontal que se projecta da mesa.

A barrinha horizontal deve ser de 15 cm. de comprido e de 1,25 cm. de grossura aproximadamente. É fixada no pequeno rasgo (v. diagrama) por meio de um parafuso terminal e deve poder girar no seu ponto de apoio.

Para fixar os espelhos dobrar as pestanas de latão, de modo que elas agarrem os lados dos mesmos. Prender as barrinhas com um pequeno parafuso nos seus respectivos braços e colocar os espelhos.

Verifica-se assim que com os braços do espelho vertical e a barrinha horizontal ajustada, o aparelho poderá operar sucessivamente conforme seja a posição do sol.

PARA TRANSMITIR

Para operar é preciso atender à direcção do Sol, que deve ser tanto quanto possível perpendicular ao eixo de transmissão.

Volta-se o espelho sinalizador na direcção desejada e depois ajusta-se o segundo, ou seja o espelho reflector, de forma tal que ele receba os raios do sol e os desvie para o espelho sinalizador. É preciso assegurarmo-nos de que estamos obtendo a máxima intensidade luminosa.

(Conclui na página 8)

General Leo Borges Fortes



* *

Em 1950, o General Fortes toma parte no almoço de encerramento da Reunião de Comissários Internacionais, realizado em Lisboa. (O terceiro da frente a contar da esquerda).

* *

A notícia do falecimento do General Leo Borges Fortes causou profundo desgosto entre os muitos escoteiros portugueses que o conheciam e apreciavam o seu espírito alegre e prazenteiro, bem como a sua muita dedicação ao Escotismo. Podemos agora informar que, felizmente, sua Esposa, a Sr.ª D. Maria Borges Fortes, não o acompanhava nesta fatídica viagem. Seus Pais, velhinhos, são ainda vivos e foram fortemente abalados pela dor. A União dos Escoteiros do Brasil, na reunião anual do Conselho Nacional realizado na Semana Escoteira (semana em torno de 23 de Abril) concedeu como homenagem póstuma, a mais elevada condecoração escoteira do Brasil, o Tapir de Prata, que foi entregue à sua viúva. A sua valiosa biblioteca escoteira foi doada pela viúva à Biblioteca Infantil Carlos Alberto, do Bairro Meyer no Rio de Janeiro, entidade que é patrocinadora do Grupo de Escoteiros Rudyard Kippling. Esta associação abriu uma secção especial para receber a importante biblioteca e criou um especial «Ex-Libris».

Tendo recebido do nosso dedicado amigo Sr. Dr. João Ribeiro dos Santos, comissário nacional de Adestramento da União dos Escoteiros do Brasil, uma segunda via da biografia do General Fortes, podemos agora oferecê-la aos nossos leitores.

O General Leo Borges Fortes, digno oficial do Exército Brasileiro, nasceu em 10 de Junho de 1908. Em 1919 ingressou no Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde fez o Curso Humanidades e se graduou também como Agrimensor.

No ano de 1926 ingressou na Escola Militar, em 1929 saíu Aspirante a Oficial. Daí por diante foi Segundo e Primeiro tenente, Capitão, Major, Tenente-Coronel, Coronel e General de Divisão. Antes de reformar-se, em 1958, ocupou o cargo de Chefe de Secretaria da Direçtoria de Material Bélico do Exército.

O General Borges Fortes ingressou no Escotismo em 1939, levado por seu natural interesse nos assuntos educacionais da juventude. Nesse mesmo ano, fez um Curso de Adestramento ocupando depois o cargo de Secretário Geral da Federação Carioca de Escoteiros. Mais tarde, foi Comissário Técnico do Distrito Federal.

Em fins de 1940, foi transferido para um Regimento de Artilharia no Rio Grande do Sul, oportunidade que aproveitou para assumir a Chefia do 22.º Grupo de Escoteiros dessa Região. Em 1942, de novo no Rio de Janeiro, ocupou o cargo de Comissário Nacional de Escoteiros. Em Fevereiro de 1940, foi eleito Vice-Presidente de uma entidade nacional e mais tarde para a Secretaria-Geral da "UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL„.

No princípio de 1947, foi transferido para Estado de Mato Grosso, organizou o Escotismo nesse Estado, exercendo o cargo de Comissário Regional. Também visitou Paraguai e Bolívia, onde estabeleceu magníficos contactos com os dirigentes de escotismo desses países. Ao regressar à capital do Brasil, desempenhou as importantes funções de Comissário Nacional de Publicidade, Comissário Internacional e Comissário de Adestramento.

Em 1949, tomou parte como delegado do Brasil no «Rover Moot» Mundial e na 12.ª Conferência Escoteira Intnrnacional, realizada na Noruega. Também participou de um Curso da Insígnia de Madeira em Gilwell Park nesse mesmo ano. Era «Akelá-Lider» e D.C.C. (Caminheiro) da Insígnia de Madeira.

Em 1950, como Comissário Internacional, representou o Brasil na Segunda Reunião de Comissários Internacionais, realizada em Portugal. Nesse mesmo ano foi eleito Membro do Conselho Interamericano de Escotismo. Em Março de 1951, foi nomeado Deputado Chefe de Campo para o Brasil. Como delegado desse país tomou parte na Terceira Conferência Escoteira Interamericana realizada em Fevereiro de 1955 em Havana, onde foi reeleito vogal da maior organização continental.

Leo Borges Fortes viajou infatigàvelmente para o Escotismo Interamericano e Mundial, visitando mais de trinta países. Em 1955 tomou parte no Jambori Internacional do Canadá e em 1957 no Jambori do Jubileu realizado na Inglaterra.

Sua actividade mais destacada foi a de Assistente de Adestramento do Conselho Interamericano de Escotismo. Como tal foi Subdirector de três Cursos Interamericanos de Comissários Executivos Profissionais realizados no México e em Schiff Scouts Reservation (E. U. A.), e dirigiu muitos Cursos de Insígnia de Madeira realizados em muitos países da América.

O General Borges Fortes recebeu a Medalha Militar de Bons Serviços, Medalha de Serviço de Guerra e a de Campanha do Atlântico do Sul, todas elas do Exército Brasileiro. Possui a Medalha de Agradecimento das Bandeirantes do Brasil; a Medalha Tiradentes, de Mérito, da União dos Escoteiros do Brasil; a Medalha de Mérito Escoteiro e a Almiqui de Prata de Cuba, etc.

Morreu em 25 de Março de 1961 no cumprimento de deveres Escoteiros, quando o avião em que viajava explodiu ao aterrar em Natal, Brasil, no momento que se dirigia a Trindade para representar a Repartição Internacional Escoteira no Segundo Jambori das Caraíbas.

* *

Em Sutton Park, no Jambori do Jubileu, realizado em 1957, o General Fortes foi um alegre companheiro da Delegação do «Sempre Pronto». Vê-se na gravura em primeiro lugar a contar da direita, do nosso Administrador, General Daniel C. Sprey, director da Repartição Internacional de Escotismo; Estêvão Martinez, de Valência; e o nosso Director

* *



ANTIGOS ESCOTEIROS

FRATERNAL INTERNACIONAL DE ANTIGOS ESCOTEIROS E GUIAS

A assembleia geral da federação internacional de antigos escoteiros e guias reunirá na Holanda, em Zeist, perto de Utrecht, de 27 a 30 de Outubro do corrente ano.

Cada país membro representado na assembleia tem direito a quatro votos seja qual for o número de delegados presentes. Será eleito um terço dos membros do Conselho Internacional.

Na medida em que houver lugares disponíveis, serão admitidos observadores, membros das fraternais de antigos escoteiros. O preço da estadia será de 35 florins. Haverá ainda uma interessante excursão, cujo preço está calculado em 10 ou 15 florins.

ANTIGOS ESCOTEIROS DO GRUPO N.º 94

O almoço anual realiza-se no dia 16 de Julho na Costa da Caparica. Inscrições até 8 de Julho. Preço 35$00.

«Os dirigentes adultos no movimento escoteiro»

Na V Conferência Interamericana de Escotismo, que se realizou em Caracas, Venezuela, em Fevereiro passado, o Sr. Dr. João Ribeiro dos Santos, comissário nacional de adestramento da União dos Escoteiros do Brasil, apresentou uma notável tese sobre o tema «Os Dirigentes Adultos no Movimento Escoteiro», na qual dissertou acerca das técnicas empregadas no proselitismo, selecção, adestramento, serviço e reconhecimento dos dirigentes adultos uniformizados e não uniformizados do Movimento Escoteiro. Trata-se de um trabalho vasto que ocupa 59 páginas dactilografadas a um espaço e que, se não fora o seu desenvolvimento, bem desejaríamos transcrevê-lo nestas colunas.

Muitos problemas da América Latina são semelhantes aos da Península Ibérica, já que tantas afinidades ligam os respectivos povos. Particularmente o Brasil e Portugal são dois troncos da mesma família. O Dr. Ribeiro dos Santos analisando os problemas com que o Escotismo ali se confronta, propondo soluções, e apontando métodos de acção, oferece ao Escotismo Português interessantes sugestões que bem merecem ser por nós ponderadas.

Não resistimos ao desejo de transcrever alguns períodos desse trabalho profundo e esclarecedor:

Acostumados com um Escotismo pequeno, centralizado nas mãos de uma minoria de idealistas que dedicaram a sua vida a este Movimento, temem abrir as portas a pessoas que nada entendem de Escotismo, receiam que a descentralização traga o desvirtuamento e tire o Escotismo das mãos fiéis destes patriarcas.

E noutro passo:

Após 10 ou 20 anos de convencimento e de esclarecimento, talvez seja possível tentar uma experiência parcial e mal organizada, onde todos querem ficar como espectadores para não se comprometerem com o fracasso. E quando falha, porque não tinha condições mínimas para o sucesso, as pitonisas se rejubilam pelo acerto das suas profecias.

(...) Há o temor que o Escotismo se torne uma indústria, fria, impessoal, material, onde os elementos improdutivos, ineficientes sejam despedidos e substituídos por homens de acção. Como mandar embora pessoas que não valem nada mas têm 40 anos de escotismo? Há o temor do número de Grupos de Escoteiros crescerem demais e não termos organização para controlá-los. Há o temor de dar demasiada força ao Adestramento Escotista. Há o temor de dar demasiados poderes aos Comissários Executivos ou aos Comissários Viajantes. Há o temor de fazer campanhas financeiras e parecer que estamos pessoalmente vivendo da exploração pública. Há o temor de combater a indisciplina, as dissidências, a má qualidade, e outras chagas do Escotismo pelo temor da repercussão pública.

É com esta análise que o sr. Dr. Ribeiro dos Santos apresenta a sua tese. Declarando que *falta acção*, que *falta aplicação*, entra depois no aturado estudo dos problemas.

Constituem dois importantes capítulos os que tratam das técnicas de proselitismo e das relações com o público. Ambos traçam um real programa de trabalho, elaborado com uma minúcia de informe que o torna utilíssimo.

Sobre proselitismo registamos este importante conselho:

Sabemos que Escotistas de má qualidade prejudicam o bom nome do Escotismo e afastam a possibilidade de termos a colaboração de pessoas de primeira qualidade. Portanto devemos usar de energia para evitar que pessoas incultas, psicóticas, de má reputação, viciadas ou imorais consigam ludibriar nossas defesas e ingressar no nosso meio.

(...) Sendo o Escotismo um movimento educativo no qual o exemplo tem importância primordial, nenhuma indicação ou nomeação deve ser feita principalmente para Escotista de Grupo, sem acurado estudo da pessoa, quanto ao carácter, índice cultural e capacidade para exercer a sua missão.

Não podemos deixar de transcrever, deixando os comentários ao leitor conhecedor do Movimento em Portugal, estes períodos do capítulo que trata de «Selecção»:

Para educar melhor e para administrar melhor devemos cumprir sempre os seguintes princípios:

a) — *Um homem — uma tarefa.*
b) — *O homem adequado para o cargo indicado.*
c) — *Tantos Assistentes quantos forem necessários.*
d) — *Antes muitos fazendo pouco, do que poucos fazendo muito.*
e) — *Devemos convencer a pessoa que nos interessa a aceitar voluntàriamente um cargo, mas não devemos aceitar a pessoa que não nos interessa só porque se apresentou voluntàriamente.*

Em muitos países e durante muitos anos os dirigentes escoteiros fizeram exactamente o oposto do que foi dito acima: aceitavam quem aparecesse, davam-lhe o cargo que estava vago, e davam-lhe mais 10 cargos enquanto não aparecessem outros voluntários.

Como resultado dessa administração negativa, descia o nível dos grupos e entidades, os interessados vendo os demais tão sobrecarregados fugiam, e em muitos casos acabou o Escotismo quando o último idealista assumiu todos os encargos e... morreu.

Um dos problemas mais difíceis é querer alguém elevar o nível Escoteiro de uma entidade que durante anos foi mal administrada. Ou extinguirá quase tudo e começará tudo de novo, ou terá de ter mão de ferro para melhorar o que puder ser melhorado, e afogar a má qualidade com um imenso recrutamento de gente cada vez melhor.

O Autor relaciona a seguir as normas e métodos a que deve obedecer a selecção de dirigentes, normas que veríamos com prazer adoptadas entre nós.

As transcrições feitas poderão dar uma ideia do interesse e do valor do trabalho apresentado pelo Sr. Dr. Ribeiro dos Santos, a quem endereçamos as nossas sinceras felicitações.

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — ANGRA DO HEROÍSMO

DIA DO ESCOTEIRO

Em comemoração do dia de S. Jorge, escoteiros destes Grupo acamparam no sábado, 22 de Abril, nas imediações da Pátio do Conde, mau grado o tempo agreste.

À noite, houve Velada de Armas na paroquial de Santa Luzia, sob a direcção do Chefe Moniz Silva e colaboração do Rev. David Couto, como acto preparatório da investidura de novos Caminheiros.

No Domingo, na mesma igreja efectuou-se a cerimónia do simbólico «baptismo» e Compromisso dos novos Caminheiros, Jorge Ávila Gonçalves, Manuel Teixeira Silva e Fernando Pereira Valentim, conduzida pelo Chefe Moniz Silva e testemunha pelo Rev. Con. Dr. Artur de Cunha Oliveira, que proferiu algumas palavras de explicação sobre a cerimónia.

Assistiram ao acto as respectivas madrinhas e pessoas de família.

De tarde, os Escoteiros fizeram uma demorada visita de estudo ao Observatório Meteorológico de Angra, sob a direcção do obsequioso funcionário do Serviço Meteorológico Nacional, sr. José Pamplona de Couto, seguindo-se uma concentração dos Escoteiros no local do acampamento.

Nessa ocasião, o Chefe do 52, depois de dirigir uma breve fala aos rapazes sobre o significado do Dia do Escoteiro, distribuiu alguma insígnias e distintivos, seguindo-se a tradicional ratificação do Compromisso de Honra por parte de todos os Escoteiros presentes. — *C.*

orque não se cria a Direcção Regional do Algarve ?

Com o pedido de publicação, recebe-os do nosso estimado Amigo Escoteiro-Chefe João Lobo de Miranda Trigueiros a guinte carta, que agradecemos e gostosa-ente damos à estampa:

Olhão, 29 de Maio de 1961.

Sr. Eduardo Ribeiro
Direct. do mensário «Sempre Pronto»
LISBOA

rezado Companheiro:

No n.º 193 do seu jornal — publicação ue tão importante papel vem desempe-hando nesta luta que todos travamos em rol do escotismo — pergunta-se: **Porque ão se cria a direcção regional do Algarve?**

Em primeiro lugar, devo declarar que criação desse indispensável, regulamen-ar, organismo foi, há bastante tempo, re-omendada, muito interessadamente, pelos ossos Serviços Centrais, todavia, por-ue não é fácil encontrar quem se preste a lesempenhar tal missão com os requeridos ntusiasmo e assiduidade, o caso está inda por resolver.

Analisemo-lo, em pormenor:

No Algarve, os grupos estão separa-los por dezenas de quilómetros.

Presumamos que a sede da delegação se fixava em Faro, capital do distrito, onto central.

Consideremos as distâncias, de ida e olta, entre a cidade capital e as terras onde existem grupos: — Olhão, 20 quiló-metros; Tavira, 60 quilómetros e Vila Real de St.º, 106 quilómetros.

Se a nova direcção conseguisse remo-ver dificuldades de ordem vária (que co-nheço, por experiência) e fizesse ressurgir os grupos n.os 64 e 65, os directores regio-nais teriam de transpor 120 quilómetros a Portimão e 158 quilómetros, a Lagos, sempre que quisessem comparecer e traba-lhar nas sedes dos grupos.

Ponderando que as reuniões, por for-ça das circunstâncias da vida profissio-nal dos escoteiros e dirigentes, se realiza-riam de noite, podemos fazer uma ideia das dificuldades que se depareriam aos dirigentes regionais que não possuíssem transporte próprio.

Note, o meu caro Director, que eu es-crevi: sempre que quisessem trabalhar *nos grupos, porque parto do princípio de que não interessa organizar, pró forma, uma direcção regional... honorária.*

Agora, estará o meu estimado Com-panheiro dizendo aos seus botões: O ho-mem esqueceu-se dos domingos...

Não, não esqueci que até os domingos podem ser sacrificados ao Escotismo... quando Sua Majestade o Futebol *lhe conceda essa Graça.*

Como se vê, o Algarve está numa si-tuação diferente das zonas de Lisboa e do Porto. Nessas cidade a área é vasta, sei isso muito bem, mas, não faltam trans-portes frequentes, rápidos e baratos, desde manhã cedo, até altas horas da noite.

Até agora, apenas examinámos uma das facetas do fascinante prisma que os amigos puseram a brilhar — em boa hora — defronte dos olhos dos seus leitores. Aprovei, creiam. Compreendo a intenção e cá estou a ajudá-los. Vamos lá, para diante!...

Ora, pois, há que encarar outra fa-ceta do fulgurante prisma, — a étnica, te-ma vastíssimo.

Não sou algarvio. Sou ribatejano, de naturalidade e raça, porém, labuto, nesta província do sul, há mais de quarenta e três anos. Conheço-a, de ponta a ponta e de alto a baixo. Dentro dela tenho privado com milhares de pessoas, de todas as clas-ses sociais. Muita gente sabe quanto quero ao Algarve; amor provado. Os que me co-nhecem e são sinceros e honestos não to-mam a mal quándo escrevo, ou digo, fran-camente, esta verdade: O Algarve é terra de poetas e de sonhadores! *Projecta-se muito... e executa-se pouco! Não há per-severança... entre os que apenas* trabalham, *movidos por um ideal.*

Há que observar outra faceta do lindo prisma, que temos entre mãos:—a situação económica.

Os grupos estão situados no litoral do Algarve. Vive-se das indústrias da pesca e das conservas, há muitos anos em permanente crise.

Realizar fundos, nesta emergência, será empreitada *dolorosa.*

Bem. Fiquemos por aqui. Oficial do mesmo ofício, sei bem o que significa a proverbial falta de espaço.

Esta carta não podia deixar de seguir. A pergunta é bastante directa. Esta res-posta não é mais que uma achega que lhe ofereço para que se compreenda porque ainda não organizámos uma autêntica direcção regional.

Ela terá de ser constituída à seme-lhança da direcção regional de Lisboa. Homens de boa fé, conhecedores do Esco-tismo, capazes não só de o manter, mas de o fazer progredir, à sombra do seu prestígio pessoal.

Aparências, não interessam! E não se trata de descobrir um. São precisos três carolas! *Três homens que se disponham a lutar até à saturação e que se contentem com a única compensação que se lhes po-de oferecer: — A satisfação moral de um dever social que se cumpre, tendo, em con-tra-partida, trabalho intenso, aborreci-mentos, a infalível sonegação de tempo à profissão, à família, ao descanso e ao re-creio e a certeza de dispêndio de dinheiro, porque — honra nos seja feita — os hones-tos voluntários da A. E. P. não só traba-lham. Também gastam o seu dinheiro no Escotismo por amor à causa.*

Essa, a situação que eu tenho conhe-cido, por experiência própria, durante fa-ses de serviço que têm durado anos!

Para findar, dir-lhe-ei: Tem muita razão amigo!

A tarefa é demasiadamente pesada para uma única pessoa.

Com a agravante de essa pessoa ser um velho de setenta e três anos, chefe de família, e que, infelizmente, não vive dos seus rendimentos... Vive assoberbado com trabalho profissional.

Peço a publicação desta carta no seu «Sempre Pronto».

Sei que é muito lido, nesta região.

Escoteiros do Algarve: aceito as vos-sas sugestões!

Saudações escoteiras para os que tra-balham nessa Redação.

Para o seu director um abraço de boa camaradagem.

«Sempre Pronto»
JOÃO LOBO DE M. TRIGUEIROS

Não nos enganámos quando dissemos que o Delegado dos Serviços Centrais era o espírito organizador capaz de promover e realizar eficientemente esta iniciativa. A prova é que tem o assunto estudado, co-nhece perfeitamente as dificuldades e as possibilidades, princípio essencial para as resolver. Quando um Chefe conhece minu-ciosamente os segredos da fortaleza a con-quistar, a vitória é certa. Tanto mais que a carta acima faz uma afirmação que nem nós nem ninguém que conheça o seu Autor aceita. O Chefe Trigueiros não é *um velho de setenta e três anos, mas um jovem de se-tenta e três anos,* com vontade e energia su-ficientes para lançar mão de uma iniciativa e conduzi-la a bom termo.

A Direcção Regional do Algarve teria de ser constituída por três elementos de Faro e Olhão, que mais possibilidade têm de se reunir. Poderia ter ainda mais dois vogais, um de barlavento e outro de sota-vento, que embora não tomassem parte nas reuniões de Direcção, a representariam nas suas zonas. Esta é a nossa sugestão. Mas o Chefe Trigueiros espera as sugestões dos Escoteiros do Algarve e elas não vão, cer-tamente, faltar.

Uma interessante iniciativa da Região Centro

Uma lição sobre higiene sexual do Sr. Dr. Francisco Ferreira Dinis

Na Sede Central, realizou-se na noite de 27 de Maio passado uma reunião dedi-cada a Exploradores e Caminheiros (esco-teiros com mais de 15 e 17 anos respectiva-mente), que serviu para dar início a uma série de palestras. Foi conferente o distinto médico, Sr. Dr. Ferreira Dinis, que falou acerca de higiene sexual. O conferente foi apresentado pelo Presidente da Direcção Regional, Sr. Prof. Aníbal Ramos, que agra-deceu a gentileza do ilustre médico pronti-ficando-se a falar aos Escoteiros e disse que a sua palestra iria constituir uma muito im-portante lição para a juventude.

O Sr. Dr. Ferreira Dinis, antes de entrar no assunto da sua lição, disse que gostava muito de ensinar e, por isso, acedera com prazer ao convite que lhe fora feito, felici-tando a Direcção Regional pela iniciativa de instruir os jovens escoteiros em assunto de tanto interesse educativo.

O conferente ilustrou as suas palavras com sugestivos desenhos no quadro preto, tendo explicado o perigo e as graves conse-quências das doenças venéreas. Advertiu os rapazes do perigo de um procedimento irregular, e, embora afirmando que estava ali como médico e deixava por isso a parte moral aos seus dirigentes escoteiros e orien-tadores espirituais, teceu conselhos devida-mente orientados pelos princípios da Lei do Escoteiro.

O Sr. Dr. Ferreira Dinis convidou de-pois os presentes a fazerem perguntas acer-ca das matérias expostas, o que proporcio-nou um interessante diálogo que ainda mais valorizou a lição pela forma clara e acessí-vel como foram feitos os esclarecimentos pedidos.

Além de Escoteiros e Chefes, esteve re-presentada a Fraternal pelo seu Presidente, Sr. Dr. Eugénio Ramos, e pelo Sr. Alfredo Gallis.

No final, o Presidente Regional felicitou o conferente pela forma explícita e sóbria como orientou a sua lição, que tinha sido do maior proveito para todos.

DO ENTRONCAMENTO

CASAMENTOS

Em 7 de Maio passado, realizou-se o enlace matrimonial da Sr.ª D. Maria Helena Amorim, gentil filha do nosso amigo e ex-Escoteiro-Chefe do Grupo n.º 84, Sr. João Amorim, com o antigo escoteiro do mesmo grupo, Sr. Eduardo da Conceição Lourenço.

● Em 14 do mesmo mês, também se efec-tuou a cerimónia matrimonial da Sr. D. Ma-ria Fernanda Carrilho Belo, irmã do antigo escoteiro do Grupo 84, Sr. Miguel José Car-rilho Belo, com o Sr. José Pereira Serras.

«Sempre Pronto» e o Grupo n.º 84 desejam aos noivos as maiores felicidades.

DE LUTO

Em 1 de Maio passado, faleceu nesta Vila o pai do Escoteiro Raul Manuel Fer-reira da Silva e dos antigos escoteiros Srs. Manuel, António e José Carlos Ferreira da Silva.

À família enlutada apresentam sentidas condolências o grupo 84 e o «Sempre Pron-to».

O Corpo Nacional de Escutas

comemorou o centenário do nascimento do seu Fundador

O Corpo Nacional de Escutas prestou homenagem à memória do seu fundador, o Arcebispo Primaz D. Manuel Vieira de Matos, numa sessão comemorativa do primeiro centenário do seu nascimento, que se efectuou, em 27 de Maio passado, no Palácio Foz. Presidiu o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, ladeado pelos Srs. Ministro do Interior e Subsecretário da Educação Nacional, em representação do Ministro da mesma pasta; Dr. Ramiro Valadão, chefe dos Serviços de Imprensa do S. N. I.; e D. José Maria de Queirós e Lencastre, chefe nacional do C. N. E. Entre a assistência viam-se muitos antigos escutas e dirigentes escutas, bem como o Sr. Manuel Lopes Peixoto, secretário das relações internacionals da Associação dos Escoteiros de Portugal, em representação da mesma.

Usou da palavra o Chefe Nacional do C.N.E., que saudou as entidades presentes e se referiu ao significado da comemoração, prestou homenagem aos dirigentes da associação, destacando Monsenhor Avelino Gonçalves e Dr. José Francisco dos Santos, pioneiros do C.N.E.

Fez o discurso oficial da sessão Monsenhor Avelino Gonçalves, primeiro inspector-mor do C.N.E. e director do jornal «Novidades», que proferiu uma notável lição acerca do Escotismo e fez a história da fundação. Foi, de facto, uma jornada de gratidão para com o fundador do C.N.E. Como a gratidão é uma virtude que perfeitamente se enquadra nos sentimentos escoteiros, sinceramente nos associamos às homenagens prestadas.

Na conferência do Rev. Avelino Gonçalves, brilhante sem dúvida, em que o orador disse saudar a Associação dos Escoteiros de Portugal, foram no entanto feitas algumas afirmações de que nos permitimos discordar, ressalvando o respeito que o conferente merece. Em determinada altura do seu discurso disse: *É tempo de dizer que Baden-Powell, apesar de protestante, não abdicou, no seu sistema, de Deus, nem da religião.* Não compreendemos aquele *apesar de protestante.* Parece-nos que o orador deveria ter dito: *É tempo de dizer que Baden-Powell,* PORQUE PROTESTANTE, *não abdicou no seu sistema, de Deus, nem da religião.* Porque foi esta a realidade. Se não fora a formação espiritual do fundador do Escotismo não teria ele dito e afirmado: *O escoteiro é antes de tudo um crente; eu repudio todo o Escotismo que não tem por base a religião. Apesar* quer dizer *não obstante, mau grado, a despeito de,* quando afinal foi por inspiração da sua fé que ele pôde ter a ampla visão do sistema educativo conhecido agora por Escotismo ou Escutismo. Devemos, como Escoteiros, esta justiça a B.-P.

Também se repisou uma vez mais a questão do laicismo da A. E. P., tendo o orador dito: *Em Portugal o escotismo entrou em 1912 com a fundação da «Associação dos Escoteiros de Portugal, à qual me apraz dirigir neste momento a minha saudação* scout. *Mas como ela se deixou influenciar pela desorientação do tempo e adoptou um escotismo «neutro em política e religião», «slogan» então na moda para significar republicano ateu e anticlerical, tornou-se necessário fazer aqui o que já tinha sido feito em nações como a França, a Italia, a Alemanha, a Suíça, a Bélgica, a Holanda e outras: fundar uma associação de escotismo católico.*

É muito natural que o Escotismo tivesse recebido a influência do meio em que vivia, como acontece em qualquer outra época e como tem acontecido ùltimamente. É necessário, contudo, afirmar que aquele neutralismo da A.E.P. não excluía a existência de grupos confessionais nas suas fileiras. O 1.º Grupo de Escoteiros de Portugal, que vem de 1912, foi SEMPRE um grupo de base confessional, anexo a uma instituição nesse tempo protestante e adoptando na sua promessa a fórmula «*Amar a Deus e a Pátria*». É certo que em determinada altura este grupo teve dificuldades para manter esta fórmula, mas não desertou, pelo contrário impôs os seus princípios. Como a Associação dos Escoteiros de Portugal é uma instituição cuja soberania reside nos grupos, se os grupos católicos continuassem na associação poderiam impor as suas directrizes. Já temos lido que o C.N.E. se fundou em virtude da influência protestante na A.E.P. Ainda recentemente um dirigente do C.N.E. dizia que a A.E.P. foi fundada sobretudo por *grupos agregados a instituições protestantes,* o que também não corresponde à verdade.

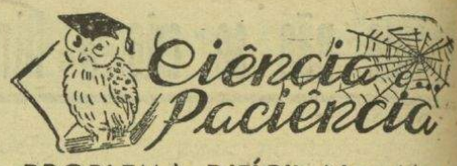
Portanto, parece-nos que o C.N.E. se fundou porque alguns dirigentes católicos não quiseram continuar na «aberta» A.E.P., entre estes o falecido comissário Franklin de Oliveira, que para aqui voltou novamente com os seus irredutismos. Quanto a nós, achamos natural que a Igreja Católica quisesse ter uma associação privativa, dadas as grandes possibilidades que tem de alargar o seu movimento. Embora isso prejudique um pouco o espírito escoteiro, porque é uma separação, uma divisão, o certo é que também lhe dá oportunidade de mais intensa acção. Não nos parece, no entanto, que para justificar esse seu acto careça constantemente de apontar a A.E.P. como uma associação laica, que não admitia a religião, porque isso não é inteiramente verdade. A A.E.P. foi sempre uma instituição "aberta„.

Não pertencemos a essa época do Escotismo Nacional, mas compulsando a imprensa escoteira da data da fundação do C.N.E. encontrámos alguns artigos que definem a orientação da A.E.P. nessa altura a respeito da religião.

Em Novembro de 1926, em «O Escoteiro», escrevia Salazar Leite:

Existe entre nós uma associação de escoteiros católicos, intitulada «Corpo Nacional de Scouts». Se por um lado vemos com prazer que frutifica a semente lançada em Portugal pela A. E. P. não é sem mágoa que vemos repetir-se em Portugal o erro cometido em outros países com a criação de associações idênticas. Se na A. E. P. não coubessem, bem à vontade todos, católicos, protestantes, livre-pensadores etc., se na A. E. P. tivesse sido melindrada ou prejudicada alguma religião, bem estava, e seria um acto de natural defesa a criação de associações com característica católica, protestante ou laica. Tal porém não se dá; tanto os Estatutos como o Regulamento Geral dão aos grupos liberdade de seguirem a religião que entendam ou não adoptarem nenhuma em especial. Alguns dos nossos grupos servem-se daquela concessão e nesse sentido fizeram até aditamentos ao seu compromisso. Posso afirmar sem receio que a quase totalidade dos membros da A. E. P. é católica, como católica é a quase totalidade da população portuguesa.

Na época do *laicismo* falava-se assim na A.E.P. Sempre aqui houve escoteiros e dirigentes católicos. Forçoso é reconhecer que a A.E.P. deve merecer a simpatia de todos os que se interessam pelo Escotismo, exactamente porque a sua missão é mais vasta que a de uma associação que se dedica apenas a um sector privado. O orador terminou a sua conferência declarando que «*A Pátria e a Igreja precisam hoje de muitos jovens formados na escola do escotismo católico*». Mas se nem todos os jovens portugueses são católicos e se se reconhece a excelência da educação escoteira, devemos afirmar que a Pátria precisa hoje de muitos jovens formados na magnífica escola do Escotismo e que, portanto, é de desejar que o C.N.E. realize com êxito e contínuos progressos a sua obra e que a A.E.P. a realize com iguais êxitos nos sectores onde a exerce. Do conjunto só poderá vir benefícios para a Pátria, que todos anelamos. E convém dizer aqui que, olhando para os frutos da acção escoteira em Portugal, a A. E. P. tem obra feita e muito de que se orgulhar. Em todos os campos de actividade nacional, em todas as correntes políticas e religiosas, encontramos antigos Escoteiros de Portugal, que têm honrado a sua formação escoteira e servido dedicadamente a Pátria.



PROBLEMA DIFÍCIL N.º 4/61

Dois viajantes percorreram em sentido contrário uma mesma estrada na qual se encontrava uma estalagem em que nenhum deles se deteve. O primeiro viajante andou à velocidade de 4 km. à hora até à estalagem e a 3 km. à hora desde a estalagem até ao fim do percurso. Levou tanto tempo para chegar à estalagem como para atingir o resto do percurso.

O outro viajante andou 4 km. à hora até à estalagem e a 3 desde esta até ao fim da sua viagem. No total levou 10 minutos mais que o primeiro para fazer todo o percurso. Qual é então o comprimento da estrada?

Solução do Problema n.º 3/61

Como os materiais empregados na construção do muro faziam parte da Terra e estavam, portanto, integrados no seu peso, este não poderia ter qualquer alteração. O nosso amigo Sr. António Amêndoa marcou um ponto de presença.

TRANSMISSÕES

(Conclusão da página 4)

O aparelho poderá assim emitir um forte raio luminoso a fim de transmitir sinais de morse. Este raio deve ser interceptado pelo levantamento e abaixamento da mão aberta entre os dois espelhos.

Construído o primeiro heliógrafo e depois de ter verificado que ele funciona de forma a dar inteira satisfação, há que construir outro para poder haver transmissões entre os dois postos.

Eis uma ideia que o «Sempre Pronto» oferece aos seus leitores.

Gostaríamos de saber em breve que patrulhas de escoteiros, acampados em locais separados por alguns quilómetros, estão em comunicação através de heliógrafos por elas próprias construídos.

E. C. José Manuel Pereira

Esteve em Lisboa de 10 a 12 de Junho corrente e teve a gentileza de nos cumprimentar, este nosso estimado colaborador, representante do «Sempre Pronto» em Vila Real de Santo António e Chefe do Grupo de Escoteiros local.

Agradecemos.